

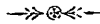
CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

S.^e Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

A Dor	<i>P.^o Henrique Gomes</i>
Um Protesto.....	<i>A. Moreira Bello</i>
Contra os espectaculos ao divino (poesia)	<i>Moreira Bello</i>
O Conde de S Bento	<i>Padre J. Machado</i>
Ninharias.....	<i>J. d'Arevedo e Menexes</i>
Unidade da especie humana.....	<i>José Pereira da Costa</i>
Impressões.....	<i>P.^o Antonio Hermano</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até o dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

PREVENÇÃO

Todas as pessoas que acceitaram o primeiro numero da «Crença & Letras,» ficam sendo consideradas como assignantes.

UM PERIGO

Ha muitas familias que em educação querem exames, muitos exames; para ellas o desenvolvimento do organismo está em segunda linha de conta, não vale ametade.

Pois é um erro e gravissimo.

Oiçam Herbert Spenser, o famoso pedagogista, e attendam bem ao que elle diz relativamente ao cerebro, que é o orgão do pensamento:

«O cerebro que durante a infancia é relativamente volumoso, constituir se-ha se o deixarem effectuar as suas funcções com bastante actividade, d'um modo mais rapido do que convinha a esta idade; mas mais tarde reconhecer-se-ha que não attingiu as dimensões nem a força que sem isso alcançaria. *E é esta uma das causas, talvez a principal, pela qual as creanças precoces, que durante um certo tempo não co-heciam rivas, estacionam impingentemente tantas vezes e frustram a eterna esperança que seus paes n'ellas haviam depositado.*

«Mas estes perniciosos resultados da prematura excitação cerebral, sam talvez ainda mais desastrosos quanto á saude em geral: a constituição arruinada, as forças diminuidas e as sensações reduzidas a um estado morbido. As recentes descobertas physiologicas mostraram que immensa influencia o cerebro exerce sobre as funcções corporaes. A digestão, a circulação, e por conseguinte todas as funcções organicas, sam profintamente affectadas pela excitação cerebral.»

Eu mesmo, em oito annos de experiencia educativa que já tenho sido testemunha de alguns factos identicos aos de que Spenser fala. Conheci creanças d'uma viveza, facilidade de comprehensão, e retentiva notaveis e muito esperanças e vi em seguida, a breve trecho, substituida essa prespicacia e essa retentiva por um não menos notavel embrutecimento. Conheci tambem casos inversos. D'uns e d'outros podia citar exemplos, se não tivesse n'isso um justificado melindre.

Ahmdec.

Memorias d'um collegial

Era eu pequenito quando os meus paes resolveram mandar-me para o collegio. Nove annos apenas—a auro-ra da vida, quando nas cabecitas loiras os primeiros sonhos lampejam como reverberações d'ouro polido.

Em pleno outomno. Na aldeia alegre fervia a colheita.

As vindimas atestavam os lagares e as moreas de milho alagavam as eiras; ouvia-se d'aqui e d'além a toada rija dos malhos e a chiada estridula das careadas a vergar. Pelas sestas as cantigas limpidas das camponezas enchiam as veigas ceifadas e ondula-vam serpentinamente pelas quebradas d'um torno. A' noite as desfolhadas ao luar picadas de lances deliciosos e de descantes cristalinos...

...Tudo eu ia deixar!

Perante este pensamento cruel o coração apertava-se-me e eu chorava de saudade mal me conformando com abandonar aquella alegria festiva da formosa aldeia que me vira nascer.

Em casa ia uma azafama: andava tudo n'uma roda viva. Meu pae fôra ao collegio falar com o senhor Director a trouxera um programma que dizia n'um longo catalogo os objectos que cada collegial devia possuir. Meu pae deu ordens terminantes para que se me apromptasse tudo á risca; que não faltasse nada, nem um lenço, nem um par de meias. Chamou-se o alfaiate, encomendou-se-me o calgado, e contratou-se a costureira. Para o enxoval tirou minha mãe, d'uma arca antiga, uma peça de linho muito alvo, muito fino. Fôra tecido lá em casa e fiado nas longas noites d'inverno ao lume da lareira entre contos mysteriosos de bruxas, e moiras encantadas...

As minhas iniciaes, vermelhas como papoulas esmaltavam cada peça d'aquelle meu rico enxoval brunido: aquellas letras tão grandes e tão bonitas, alegres como Paschoas, espicaçavam-me a vaidade e quasi me compensavam da saudade de deixar a minha aldeia formosa. As creanças

são muito sensíveis aos belliscos de vaidade.

Avisinhava-se o dia da partida. Os meus irmãosos mais novos tinham para mim caricias mais affectuosas e cingiam-me de meigos abraços e meus paes não perdiam uma occasião de me dar concelhos amorosos. Os visinhos, que tinham uma comprehensão muito realista da vida, dirigiam-me palavras de animação: que depois quando fosse padre ou doutor havia de ser um regalo: dinheiro quanto quizesse; e consideração, isso então não falemos; todos, com muito respeito, chapou na mão, senhor Doutor ou senhor padre Fulano, isto ou aquillo: que sempre era muito melhor do que estar para ali como elles a ficinhar no campo, de manhã até a noite.

E eu então, creança ingenua, acreditava-os, aos bons campones e phantasiava um Brazil lá no fim da esteira escolar. Mal imaginava eu então que aquelles meus visinhos tinham acerca do meu futuro uma visão que não passava d'uma miragem. Ah! se então suspeitara o que hoje com amargura sei, não os teria desacompanhado na lida suada e dura de arrotear o alqueive natal. Sim, porque hoje, na posição que elles me edenisavam com a aurea cornocopia de felicidades mal sonhadas, vejo-os muito mais venturosos do que eu...

(Continúa.)

3.ª LIÇÃO DE PORTUGUEZ, (1)

Acostumae-vos a falar com acerto a lingua materna. O que mais distingue e extrma os povos é a differença do falar.

Cormenin.

E' erro dizer:—*A porta está meio aberta, as mezas estavam meus pintadas, etc.* Deve-se dizer:—meio aberta, meio pintadas, etc. Meio é adverbio e portanto invariavel.

E' erro dizer:—*Pedir para tomar lo-*

(1) «Ex.^{mo} Sr. P. S. d' A União».—

Haia por bem ouvir da minha causa só o seguinte, que é pouco, como pequeno é o espaço que se me concede.

V. Ex.^a proluz a favor da frase—*cumprir com os seus deveres*— os seguintes argumentos, que estão longe de ser infugíveis:—

1.º Que muitas vezes a tem ouvido a pessoas instruidas.

2.º Que este verbo está nas mesmas condições d'outros que têm complemento objectivo regido de preposição, como: *Puxar pela espada, acabar com o negocio, etc.*

gar, para tomar a palavra, etc. Deve-se dizer:—*Pedir que...* Este verbo exige complemento objectivo.

E' erro dizer:—*O assumpto que venho discutindo, a que me vinha referindo, etc.* Deve-se dizer:—*O assumpto que discuto ou que estou a discutir.* Tal modo de dizer é um indesculpavel gallicismo.

E' erro dizer:—*explodir.* Deve-se dizer:—*explodir.*

E' erro dizer:—*Não é digno de si, não posso viver sem si, etc.* Deve-se dizer:—*Não é digno de ti, de V. Ex.^a, de V. S.^a, do senhor, etc.* Aquellas expressões são um verdadeiro solecismo.

E' erro dizer:—*Não ha duvida que, estamos certos que, persuadidos que, convencidos que...* Deve-se dizer:—*Não ha duvida de que, estamos de certos de que, persuadidos de que, etc.*

O. L.

Não tem força que dê a convicção, este seu dizer. Instruidas sam em geral as pessoas que redigem as gazetas, e n'ellas pullulam os erros como tortulhos em montureira. Relativamente aos verbos que citou, deve V. Ex.^a ponderar que não ha paridade: com o v. *cumprir*, a omissão da preposição *com* não lhe modifica o sentido, ao passo que o mesmo se não dirá dos outros. Uma coisa é *puxar pela espada* outra é *puxar a espada*: e assim por deante. Portanto, desde que a forma irregular é inutil, e a forma regular está abonada por autoridades de tanto peso como: Camões, Vieira, Barros, Fr. L. de Sousa, Rucage, R. da Silva, Herulano, e de tal maneira, que se em um outro classico usou da outra forma, parece tal o feito só por excepção, hemos de considerar em que—*cumprir com o seu dever*—é uma incorrecção.

Tambem aos susceptíveis ouvidos de V. Ex.^a não são bem o portuguezissimo adv. *amidade* ou *a miudo* e deita argumentação a favor do vulgar *amido*. E' ella e mpostas de cinco provas: 1.º o dic. Contemporaneo, 2.º o Dic. de Constançia, 3.º um fra-c de Camillo, 4.º outra de Camões, 5.º a etymologia.

Os dois dic. citados, alem de nada ou quasi nada dizerem contra o emprego de *amidade*, não sam autoritades de primeira ordem: e Moraes que é uma auctoridade a valer e Domingos Vieira que o não é menos, dam excellentes referencias do nosso dverbio e citam classicos de primeira agua que o auctorizam. O v. l. r. dos dois outros arg. que se seguem, desapparece se considerarmos que nem Camões nem Camillo reputaram a expressão *amidade*. O ultimo é contra produtor. De latim *minutus* se deriva effectivamente o adj. *miudo*, que significa *pequeno, reduzido*; e que não tem nada que ver com o adverbio *amidade* que significa *amidadas vezes, com frequencia*.

A verda te é esta: em portuguez existe o adj. *meudo* e o adv. *amidade*; em virtude da tendencia constante p-ra uniformisar e facillitar a lingua-gem, o adj. c-mo era de uso mais frequente, supplantou o adv. e ficou erroneamente a des-semp-nhar as duas funcções. Ora nós não pudemos ter contemplações com a tal tendencia quando ella conduz a disparates; escorraemos pois o intruso a *miudo* da classe dos adverbios.

admirador sincero

O. L.

COLLEGIOS

I

Ha-os de varias especies.

Ha as miniaturas de collegios das graes das cidades, installados n'um segundo ou terceiro andar, sem o almo revigoramento do ar puro e da luz abundante, sempre á testa de meia duzia de internados, um prefeito sem prestigio, sem sympathias, sem nada. O Director faz umas visitas periodicas, não muito boas, toma raras informações superfluas e dá as suas ordens, que não são dadas nem pela experiencia nem pelo zelo educativo. Regulamentos, estatutos, disciplina, prestigio da autoridade, independencia directiva, enfim tudo quanto serve á ordem, á disciplina, á educação moral e civil, brilha ali pela sua ausencia absoluta, total.

Taes casas não podem educar o espirito nem o corpo: n'aquelle em breve germina a corrupção que a convivencia acirra e a este, ao organismo, definha-o, rachitisa-o, o meio abafado em que respira, a falta d'exercício ao ar livre, substituído quando muito por duas cabriolas n'um trapézio, e boas graças se deverão á Deus, se, de reforço a estes males não vier a alimentação deficiente ou o desprezo de algumas regras elementares da hygiene. Em taes condições a educação (?) chega ás vezes a ser um assassinato: o espirito adquire predisposições viciosas e o corpo impregna-se d'uma morbidez fatal.

Perante tal aberração educativa, ha reus sobre quem pesam responsabilidades que nem onso classificar; sobre os paes que por dever e por amor haviam de antemurar os tenros annos dos filhos contra tudo o que possa roubar-lhes qualquer das prendas mais inapreciaveis que é licito legar—um espirito bem educado e um corpo sadio—, e sobre os educadores que a si chamaram deveres de paes.

R. M.

Boletim da Associação de S. Luiz

A festa.—Reuniu-se ha dias a meza directora d'esta sympathica associação para deliberar acerca da festividade a S. Luiz.

Resolveu solemnizar com a maior pompa possível o seu angelico padroeiro no dia 28 de Maio.

Neste dia de manhã realizar-se-ha a tocante cerimonia da primeira communhão dos meninos e juntamente a de todos os associados. As 11 horas começará a missa a grande instrumental, havendo sermão pelo rev. Hermano Amandio e SS. exposto todo o dia.

De tarde sermão pelo rev. Henrique Gomes, *Tu-Deum* e encerração.

A festa será precedida de um solenne triduo, pregando no primeiro dia, 25, o rev. Luiz Barboza, no segundo o rev. Joaquim Machado e no ultimo o rev. Maia.

No dia 27 á noite haverá illuminação, fogo e demais manifestações de regosijo.

Um socio.

Exames d'instrução primaria

Fizeram exame os seguintes collegios:

- Abel Alves de Freitas Torres
- Abilio Antunes d'Azevedo
- Albino Mendes d'Oliveira
- Alfredo Mendes da Silva
- Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio
- Amandio Augusto Alves de Mello Caldas
- Amílcar Barca Martins da Cruz
- Annibal Leão da Cruz Fernandes
- Antonio Estevao Lei e de Faria
- Antonio Torres
- Armando Mauricio Pinto Rodrigues
- Eduardo de Freitas Ribeiro de Faria
- Elias Gomes Marques
- Joaquim Ribeiro de Freitas
- José Bento Ribeiro de Castro Meirelles
- José Bernardino d'Araujo Abreu
- José Castilho da Costa
- José Cândido Sampaio Rebelo
- José Ribeiro
- José Camillo
- José Martins Gomes
- José Pereira Leite
- Herculano Xavier Teixeira Guimarães
- Manoel José Martins
- Manoel Lopes Leite de Faria
- Manoel Salustiano Martinó

Exames 27—Approvedos 25.

Portuguez e francez

Principiam no dia 1 de maio as aulas de Portuguez e francez para os alumnos que fizeram exame de instrução primaria.

O Collegial
A. M.

A DOR

É universal o seu dominio.

O seu pendão com manchas rubras de sangue e traços negros de lucto tremula em todos os hemispherios, ensombra todos os horisontes, campeia ufano em todos os palacios, agita-se soberbo em todas as mansardas.

A sua espada abre sulcos e dos sulcos escorre sangue e o sangue arrega arenas.

Domina como senhora despotica. Tem vontade de ferro inquebrantavel.

Onde quer que assente arraiacs, hasteie a bandeira e vibre o gladio, ahi se abrem feridas e ouvem gemidos, ahi ha mortos a chorar, saudades a carpir, recordações de melhores dias a exasperarem o soffrimento.

Terrivel potestade a Dôr!

No sopé d'um monte, ao principiar d'uma planicie com tapetes verdes, estadeia-se magestoso um palacete de torres ameidadas e brasões archeologicos.

Dentro, no conchego do lar, na quentura da familia, ha muito rir jovial, muitos sorrisos a brincarem em labios de purpura, os corações dilatando-se nos estos da alegria mais descuidada.

Lá dentro, a vida deslisa serena, remansosa, numa quietude edenica; tudo são aromas embriagantes sahidos de rosas com petalas de velludo.

Mas um dia—ai! que dia!—um dia, ao desenrolar-se o veu da noite, uma noite de tempestade, ergue-se junto aos muramentos do palacete um vulto, coberto com uma tunica muito negra, tão negra como a escuridão de algido sepulchro, caminha, bate de rijo á porta e brada com vehemencia na voz:—Quero entrar. Aqui vou eu dominar agora. Sou a Dôr.—

E entrou e ninguem lhe embargou o passo e não houve

rogos que sustivessem a erupção da sua colera e não houve lagrimas que embotassem o gume de sua espada.

Terrível potestade a Dôr!

Vinde commigo áquella casinha, muito pobre e muito humilde, que negreja descaçada, lá em baixo, no fundo do valle. Não entreis. Para que perturbar o retiro de dois infelizes? Escentae cá de fóra. Que ouvis? Gemidos de creança? O chorar d'alguem em afflictivo pranto? Não vos admireis. É a mãe que chora o filho que agonisa. Foi a Dôr que empolgou aquellas duas victimas, e desfolhou rosas de esperança que desabrochavam em coração de mãe e apagou sorrisos que borboleteavam em labios de filho. Fez da mansarda um hospital e do hospital vae fazer uma sala mortuaria. Cahindo, como raio, fulminou dois infelizes. Ao fechar-se a valla do filho, abre-se a sepultura da mãe.

Terrível potestade a Dôr!

A cidade traça galas. A dinamite estraleja rebentando nas ondulações do ar. Nos reconcavos das montanhas ecoam os *rivas* da multidão que deslisa pelas ruas como gigante enorme.

Um delirio! É a entrada do general vencedor. Talou campos, incinerou cidades, quebrou sceptros, embruscou diademas. Na arena da lucta, ao soar do bellico clarim, era o primeiro na vanguarda. Agóra é o primeiro no triumpho. Justissima apothecose do salvador da patria.

E elle estonteado pelas acelamações parece feliz. Mas á noite, por altas horas, em sonhos, vê sangue, muito sangue e sangue innocente, victimas, muitas victimas e victimas que o amaldiçoam; ouve o troar da artilheria, o silvar das balas, o baquear dos corpos, e cada ribombo e cada silvo e cada baque é uma gotta de fél que lhe escandece a alma. Sente desfibrações no coração. É a Dôr que chega.

Terrível potestade a Dôr!

Ao cahir da tarde, n'um ermo, bastante longe do povoado, passeia um homem. Tem rugas e cáns. O seu olhar é baço e os seus passos lentos. De quando em quando enclavinha os dedos em crispações nervosas. Afinal os labios

entrebrem-se e o monologo principia.—Lá está, lá está solitaria a casinha. Era ali que *elle* vivia contente e descuidado. Sorria lhe a vida e eu ennoitei-lha. Era na primavera. As flores espalhavam no ambiente os seus olôres capitosos, os passarinhos pipilavam alegres saltitando de ramo em ramo; nos montes havia cantares de pegureiras e nos campos melopêas de pastores. *Elle*, contente e descuidado, vinha álem, na volta do caminho, e eu — maldicto! — com escandescencias de vingança no cerebro, turbada a alma por uma nuvem de colera, ergui o punhal, descí-o... e a victima cahiu, ainda com uma supplica á flôr dos labios. Horror! Horror! Sempre este phantasma a perseguir-me! —

E continúa o passeio, apressadamente, gesticulando, esgaseamentos no olhar, covas a afundarem-se-lhe na fronte. A Dôr cravara-lhe as garras e não o largava.

De dia, arrastava-o para o viso dos montes, para a solidão dos bosques, para os rochedos da praia, engrandecendo-lhe a valentia das ondas, para o cairel do abysmo, mostrando-lhe a voragem e retendo-o para expiação mais longa. Á noite, encostava-se-lhe ao leito e elle tinha sonhos acabrunhadores, horriveis, com sangue a escorrer da ferida aberta no peito do innocente. A noite era-lhe peor que o dia.

Terrivel potestade a Dôr!

Desvirilisa energias, quebranta animos, apouca forças.

É minotauro que consome enormes riquezas.

E não ha fugir-lhe ao poder.

Barreiras, não as conhece. Sedas, desfia-as. Andrajos, rasga-os.

Não ha um coração que não soffra.

Soffre-se na aridez do deserto e no conchego do lar, em meio das ebullições do oceano e entre os braços do amigo, na terra descaroavel do desterro e no seio querido da patria.

Soffre-se quando nos embalam o berço, quando na frente se nos reflectem os clarões aureoraes da juventude, quando sobre a alma se nos estende o crepusculo da velhice.

Soffre-se e sempre e em toda a parte, por que por ahi

álem ha muitos espinhos que perfuram corações, muito fél que envenena idéaes, muita ingratição que murcha esperanças, muitas trévas que embruscam muitas luzes, muitas baixezas que enodoam muitos caracteres, muitos gelos que arrefecem muitas virilidades, muita fraqueza que chasqueia de muitos heroismos muitos aspides que ferretoam muitas pombas.

Não ha na terra um coração que não soffra.

A Dôr é apanagio do homem.

Evital-a, impossivel.

Aparar-lhe os botes, só no escudo da Resignação.

Collegio de S. Damaso.

P. Henrique Gomes.

UM PROTESTO

Talvez nunca se falasse em Portugal tanto em patriotismo como actualmente, e talvez o patriotismo nunca fosse tão pouco ou tão mal comprehendido.

Não me refiro á politica, a qual, devendo ser a arte de governar, se acha meio convertida entre nós em arte de enganar, se não de confundir e arruinar tudo.

Se grandes são os crimes de lesa-patria commettidos pela politica, não são por desgraça os unicos, pois muitos outros e mui graves se perpetram cada dia, a cada hora, a cada momento n'este desventurado solo de Portugal.

Um dos principaes elementos constitutivos da patria é a lingua; e quem tem verdadeiro amor da patria, e uma patria que possui uma lingua tão distincta, rica, harmoniosa e illustre como a nossa, tem por dever rigoroso zelar a sua pureza e magestade, e evitar tudo quanto possa de algum modo deslustral-a ou effendel-a. Quem, pelo contrario, parece timbrar em despresal-a, tanto a desurpa com estrangei-

rismos innumerados, tanto a inça de termos, phrases e construcções estranhas, commette um crime de lesa-patria merecedor das mais asperas exprobações, e mente quando se pregôa patriota, ou por tal se pretende fazer passar.

Lingua que symbolisa uma nacionalidade oito vezes secular, lingua elevada ás mais fulgurantes culminancias por Camões e Vieira, João de Barros e Diogo do Couto, Sousa e Bernardes, Heitor Pinto e Sá de Miranda, Herculano e Castilho, Garrett e Rebello da Silva, e tantos e tantos outros antigos e modernos, tem direito a ser respeitada e reverenciada por naturaes, já que indevidamente por estranhos é quasi desconhecida.

Mas não... Os poucos estranhos que a conhecem e á oppulenta litteratura, admiram-na e acatam-na; pelos naturaes é continua e atrozmente espeziñhada; o que ou denota funda ignorancia dos seus copiosos thesouros, ou abandono dos mais elementares principios do patriotismo, ou ambas as coisas juntas.

Já Fr. Luiz de Sousa dizia do seu tempo: «É hoje maior a liberdade, ou desaforo (por dizer melhor) no escrever e imprimir, que vae crescendo de sorte, que arreceio nos havemos de vir a queixar da impressão, não só negar-lhe os antigos louvores.»

Que diria o castiço e dulcissimo auctor da *vila do Arcebispo* e da *Historia de S. Domingos*, se vivesse no calamitoso tempo presente, reinado da gazeta barata,—o elemento mais deploravelmente poderoso para a deñorientação da opinião, para a decadencia da religião, para a ruina da moral, para a perversão do gosto... e para o abastardamento da linguaagem!

Com effeito, quem lançar a vista para qualquer d'esses partos monstruosos da imprensa, cuidará não estar em Portugal, senão n'alguma das nossas colonias em que se fala um dissonante creoulo ou degenerado portuguez, ou n'um paiz em que a formosa lingua portugueza seja quasi ignorada. Aqui é um diario que toma por titulo uma palavra exotica—*Reporter*; alli outro que abre uma secção epigraphada

—*Carnet mondain*; acolá outro que subpõe egual secção ao rotulo—*High-life*; alem outro e outro e outro que lardeia a mascavada prosa ou o indecifrável verso de palavras e phrases francezas, hespanholas ou inglezas,—como se a nossa riquissima lingua precisasse das mesquinhas *esmolas* das peregrinas!

Francisco Manoel do Nascimento azorragou desapiedadamente os *francellhos* do seu tempo. Se eu fosse Francisco Manoel do Nascimento, faria o mesmo aos *estrangeirados* da epocha actual. Como o não sou, limito-me a lavar o meu humilde, mas solemne protesto, em nome do patriotismo.

A. Moreira Bello.

CONTRA OS ESPECTACULOS AO DIVINO

I

De aspero açoite o manso Christo armado,
Limpou de vendilhões o hebraico templo,
Porque servisse às gerações de exemplo
Que a casa da oração não é mercado.

Ail vemol-a hoje em *theatro* convertida,
Aonde mundanal magnificencia,
Doce canto e bombastica eloquencia,
A sociedade attrae *culla*, *escolhida!*

Mas de onde o corpo goza e a alma se esquece,
Entre as nuvens do incenso ardente a prece,
Recendendo piedade, sobe aos ceos?

Tu, que um preferes coração contrito
A sacrificio vão, pomposo rito,
Podes taes cultos acceitar, ó Deus!?

II

Se lá nos ceos, ó Vaso de pureza,
 Junto do solio excelso e refulgente
 De teu Filho triumphante e omnipotente,
 Penetrar podem sombras de tristeza,

Que nova dôr sentir ha-de teu peito
 Ao vêr o que te dão profano culto,
 Que parece sarcasmo, escarneo, insulto,
 Mais que de devoção piedoso preito!

Desacatos de Deus á Magestade,
 E distincções na estancia da *egualdade*,
 Ferem teu coração, Mãe de Jesus!

Mas se ha quem affligir-te assim ignora,
 Sè clemente, perdôa-lhe, Senhora,
 Que tambem Christo perdoou na cruz!

Morcira Bello.

O CONDE DE S. BENTO

Já lá vae quasi um mez que por sobre o cadaver do benemerito Conde de S. Bento rolou a pedra tumular, e a sua imagem bemfazeja e meiga apparece-nos ainda em toda a pujança do seu ser, em toda a planitude da sua grandeza.

E' que os grandes homens, desapareçam muito embora da nossa vista, deixam sempre na sua passagem um rasto profundo de luz brilhantissima, desferem sempre no teclado do sentimento humano uma nota viva de immorredoirá saudade, que atravessando os seculos se levanta como um marco miliario entre o passado e o futuro.

E o Conde era o que se póde chamar um grande homem. Sem as scintillantes locubrações intellectuaes que fas-

cinam, nem os reverberos do talento que estonteam; sem se elevar como Leibnitz ás altas regiões do pensamento, nem como Descartes subir ás transcendencias da methaphysica; sem dadejar os reflexos brilhantes que aureolam uma penna d'ouro ou corôam um talento privilegiado, o Conde de S. Bento soube conquistar a immortalidade, soube estereotipar na sua alma immaculada e pura o preceito sublime de Jesus, que é o mais alevantado padrão da sua grandeza, a mais excelsa apotheose da sua gloria.

Levado, ainda creança, nas azas ligeiras do vento por sobre a immensidade do oceano, elle viu esconder-se por de traz das collinas o sol que na patria o acalentou no berço, sentiu murmurar-lhe ao ouvido auras desconhecidas, acariciar-lhe a fronte novos climas.

Chorou então, quem sabe se pela primeira vez? e as lagrimas de saudade recalçadas no fundo d'alma regaram-lhe o terreno virgem do seu coração d'onde mais tarde brotaram e bracejaram, espontaneas e quentes, as mais especiosas flores. E foi ao desabrochar ardente d'essas rosas, cultivadas com tanto esmero, que se cristalisaram muitas lagrimas, foi ao perfume embriagador dos seus calices, sempre repletos, que se alimentou muita indigencia, foi ao rocio divino das suas petalas aveludadas que se suavizou muita desdita.

A sua alma retemperada na fragua heroica do trabalho, e experimentada no cadinho da adversidade emancipara-se dos preconceitos que a fortuna suggerer, elevára-se em altos vôos ás concepções sublimes do amor, contemplára muito d'alto as miserias que vão corroendo as entranhas da humanidade soffredora, e, crente sem fanatismo, apostolo da caridade sem vangloria, teve uma unica ambição—acudir á indigencia que ahí esmola á flôr da sociedade. Sorriu-lhe um unico ideal—illuminar com o facho aurifulgente da instrução a intelligencia obscurecida das creanças e engrandecer a terra que lhe foi berço.

Desde então a sua vida é um labutar afanoso pela realisação d'esse supremo ideal. Soccorre os necessitados,

ampara a viuva, protege o orphão, consola os feridos pela adversidade, funda a melhor escola do reino, embelleza Santo Thyrsó, reedifica templos, sustenta o culto, e para encimar essa obra grandiosissima que o martellar incessante dos seculos jamais obstruirá, funda um Hospital para nos revelar na sua radiosa e encantadora perfeição toda a sublime epopêa da caridade christã.

E esse edificio gigantesco que tem suspensas dos seus capiteis as mais preciosas grinaldas; essa obra descommunal assente sobre columnas dos mais admiraveis contornos, ahi fica, soberbo e altaneiro, transmittindo de geração em geração o nome do sempre chorado Conde, grangeando-lhe as benções d'um povo e aureolando-o com o suave rosicler da immortalidade.

Pudre J. Machado.

NINHARIAS

Pelo meio dia da França

Bem nos custava abandonar a *cidade de Maria Immaculada* ao cabo de tres dias, que nos pareceram tres horas, de tal forma corre o tempo aprasivelmente em Lourdes. Mas era necessario partir, seguir o roteiro traçado até á cidade eterna,—o objectivo de todos os romeiros da christandade.

A peregrinação portugueza aproximava-se, tocando em Lourdes, aonde o hymno da *Virgem do Sameiro*, cantado por duzentas vozes, causou um vivo enthusiasmo entre os francezes.

Feitas as nossas praticas religiosas, e tendo commungado no dia 10 á missa do Cardeal Arcebispo de S. Thiago, Payà y Rico—uma notabilidade do Concilio ecumenico do Vaticano—ouvimos n'esse dia um bello sermão, pronunciado

pelo jesuita Martin, com quem fallamos no fim do mez de Maria, e, sabendo que eramos portuguezes, perguntou-nos logo pelo seu amigo P.^o Rademaker. E' bem certo que a sciencia e a virtude respeitam-se em toda a parte.

A's 11 horas da manhã do dia 11 de maio tomamos o comboyo em direcção a *Toulouse*. Lá nos ficava a devota cidade na vertente da grande montanha, e cuja situação e paisagem tem alguma semelhança com a nossa pitoresca *Vizella*.

Quando o comboyo apitou e se moveu, sentiamos ainda o coração preso a esse cantinho de terra, illuminado pela luz divina do Ceu.

—Não tornarei mais a vêr-te!—dizia o P.^o Bernardino, de pé, descoberto, e voltado para o Sanctuario, que desaparecia aos seus olhos, marejados de lagrimas. (1)

—Animo! meu amigo; dentro em poucas horas veremos *Notre Dame de la Goule*, e em breves dias estaremos em Roma,—tornou-lhe o D. H., apontando na carteira as ultimas despezas pagas.

—Olha lá como governas os còbres, que mais dinheiro meu não apanhas—dizia A. de M. contando um par de libras, que destinava empregar em objectos de bom gosto, quando chegasse a Paris.—Em Portugal não ha nada que preste!—exclamava.

Isso ha—disse do lado um portuguez patriota, que gabou muito as uvas do Douro e mais os figos do Algarve.

José d' Azevedo e Meneses.

(1) Ao traçar estas linhas leio nas «Novidades» de 2 de março do corrente anno de 1893:

«Um protestante hollandez convertido ao catholicismo em *Lourdes* por occasião d'uma peregrinação, entregou ultimamente ao Bispo «de Tarbes 3.000.000 francos (540.000.000 reis) para a conclusão das «obras da egreja parochial de *Lourdes*».

«Alem d'isso, prometteu mandar traduzir em todas as linguas o «livro que Zola diz estar escrevendo *sobre Nossa Senhora de Lourdes*, «se esta ultima obra do grande escriptor fôr consagrada á gloria da «peregrinação.»

Bemdito seja Deus!

UNIDADE DA ESPECIE HUMANA

O genero humano constituirá uma unica especie? será descendente d'um unico tronco?

E' esta uma questão importantissima em que se dividem as opiniões dos sabios: uns affirmam que a humanidade constitue uma unica especie e deriva d'um só tronco, outros, porém, affirmam que descende de varios troncos.

É um dogma que a humanidade descende d'um unico tronco que a torna solidaria no peccado original e na Redempção.

O primeiro ataque que foi dirigido contra este dogma vibrou-o Isaac la Peyrère, official do exercito de Condè, nascido em Bordeus em 1594.

Em 1655 publicou elle um livro em que compendiava a sua doutrina e se intitulava: *Systhema theologico fundado sobre a hypothese dos preadamitas*.

Segundo elle, os povos pagãos foram creados ao mesmo tempo que as varias especies animaes, e Adão não foi o primeiro homem, mas sim o progenitor do povo judaico.

Lá Peyrère atacou o dogma adamico pelo respeito que tinha ao texto do Genesis; porém os philosophos do seculo, XVIII, atacaram-no em nome da sciencia e da razão.

É d'esta epocha que data a escola polygenista.

Já por causa de questões sociaes e politicas se tem pretendido derrubar do seu inconcusso pedestal o dogma-adamico.

É sobretudo nos Estados-Unidos onde mais se tem debatido esta questão. Os esclavagistas e os negrophilos têm debatido seriamente se sim ou não deve haver a escravatura e os que a defendem, fundamentam a sua opinião em que a humanidade não constitue uma unica, mas sim varias especies.

Foi devido a esta causa que em 1844 M. Calhoun, ministro dos negocios estrangeiros, defendeu perante as representações da França e da Inglaterra as instituições do seu paiz, que permittiam a escravatura.

O polygenismo conta em suas fileiras homens de mereci-

mento, como: Burmeister, Morton, Nott, Gllidon, Agassiz, Broca, Carlos Fock, Mostillet, Bertignon, Hovellacque, Renan, Haeckel, Carus, Vogt, Oken, Giebel e um grande numero de medicos dedicados ao estudo do individuo, mas não da especie.

Porém o monogenismo conta homens de muito merecimento e em maior numero, como Blumenbach, Owen, Theodoro Waitz, Buffon, Linneu, Prichard, Cuvier, Steffens, Schubert, Rodolpho e André Wagner, von Bär, H. von Mayer, Burdach, Wilbrand, Flourens, Hug Miller, Sir John Herschel, Leyell, Huxley, Muller, Blainville, os dous Geoffroy, Humboldt, Lamark, Emilio Ferriere, Quatrefages, Langlebert, etc., muitos dos quaes em materia religiosa são indifferentes e livres pensadores.

O grande sabio Quatrefages sustenta com todo o ardor a unidade da especie humana e é fundando-se n'ella que elle admitte na natureza o reino hominal. A classificação que dá é a seguinte:

	IMPERIOS	REINOS	PHENOMENOS	CAUSAS
CONJUNTO DOS SERES	Inorganico (Pallas)	Sideral (Condolle)	Phenomenos de movimento kepleriano.	Gravitação.
		Mineral (Linneu)	Phenomenos de movimento kepleriano.	Gravitação.
			Phenomenos physico-chimicos.	Etherodýnamia.
	Vegetal (Linneu)	Phenomenos de movimento kepleriano, Phenomenos physico-chimicos.	Gravitação.	
			Etherodýnamia.	
	Organico (Pallas)	Animal (Linneu)	Phenomenos vitaes.	Vida.
			Phenomenos de movimento kepleriano. Phenomenos physico-chimicos.	Gravitação. Etherodýnamia.
		Hominal (Quatrefages)	Phenomenos vitaes.	Vida.
			Phenomenos de movimento voluntario.	Alma animal.
			Phenomenos de moralidade e religiosidade.	Alma humana.

Admitte esta opinião, que é meramente sua, e todo o homem de sciencia a deve admittir em face do abysmo insondavel que separa o reino animal do hominal,—a alma humana—que dá origem a todos os phenomenos de moralidade e religiosidade que nenhum dos outros seres têm. Considerando o homem como um ser meramente corporeo, concordo em que o colloquemos no reino animal, mas elle além do corpo tem alma racional, é um ser mixto e como tal deve estar collocado n'um reino á parte.

Além d'isso, tem caracteres fundamentaes que o distinguem de todos os outros animaes, o que prova que o homem não é descendente dos anthropoides, e caracteres especiaes que se encontram em todos os homens das diversas raças humanas; o que vem provar que a humanidade constitue uma só especie que se divide em varias raças. Vejamos:

I—Em todas as raças se encontra a mesma estrutura anatomica, a mesma duração media para a vida, a mesma disposição para a doença, a mesma temperatura media do corpo, a mesma velocidade media nas pulsações, a mesma media de estatura, etc. Isto prova que as raças humanas constituem uma só especie, pois que tal conformidade não se dá senão nas variedades da mesma especie e nunca entre as especies do mesmo genero.

II—A pelle.

Observando ao microscopio a pelle das raças humanas, vêmos que a sua constituição é a mesma em todos os homens. Divide-se em 3 camadas principaes que são: a *epiderme*, o *corpo mucoso de Malpighi* e a *derma*.

No corpo mucoso ha uma camada de cellulas que contém um liquido que dá a côr ás raças. Este liquido póde ser de côres diversas a chama-se *pigmentum*. A diversidade de côr da pelle poderá ser um caracteriseo fundamental para a diversidade das especies?

Não, porque:

- 1.º Nós encontrámos a mesma diversidade de côr, que encontramos no homem, nas especies animaes; assim na espe-

cie—*gallinha*—, encontramos gallinhas com a pelle branca, gallinhas com a pelle amarella (originarias da Cochinchina), gallinhas com a pelle negra (no Japão, em Java, na Suissa, na Martinica, etc.), e comtudo esta divergencia de côr da pelle não faz com que ellas constituam especies differentes; constituem, pelo contrario, uma unica especie. O mesmo acontece com os cães e cavallos. Não se admittindo que estes animaes, n'este caso, constituam varias especies, porventura ha-de admittir-se para a humanidade.

- 2.º Nós observamos um facto muito importante que vem mostrar que a differença de côr não pôde ser argumento decisivo para a distincção da especie. Eil-o: se transportarmos um preto da zona torrida para o norte da Russia, veremos que elle dentro em pouco começa a tornar-se claro e se, pelo contrario, transportamos um brano para a zona torrida, veremos que elle se torna preto. D'onde se vê que a côr nada prova.
- 3.º A introducção de substancias chimicas no organismo pôde produzir uma variação de côr, como por exemplo o azotato de prata que produz a côr negra. O mesmo acontece entre os seres animaes como muito bem o provou Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire.

De tudo isto se conclue que a côr da pelle não pôde ser considerada como distinctivo das especies.

(Continúa.)

Coimbra, 8—7—92.

José Pereira da Costa.

IMPRESSÕES

Continúa a corrente emigratoria—o sinistro exodo da fome!— Vae esse interminavel desfile de miseria, essa tribu de ilotas a quem a patria rega o pão e a vida, levando para longe a força de seus braços e a vida da sua alma. A esqueletica philosophia jornalística, em cujas mãos de mumia se encontram os destinos d'este *abençoado* paiz, tira do caso commentos varios até á con

tradição, como aliás é norma velha. Ha tal que n'um arranque de philosophia profunda diz:

—A emigração é um desastre colossal! não nos fica aqui quem plante as vinhas e encha os lagares.

Outro, nem menos philosopho nem menos profundo, contesta:

—Mas se todos por aqui ficam, quem ha de beber o pobre vinho escorraçado que a patria manda para terras d'além?

Cesse tudo...

*

Missões! missões! é a voz que ora revoa d'uma extrema a outra da imprensa catholica. E a imprensa liberal (caso virgem!) n'uma singular unanimidade d'esforços, alinha resoluta ao lado da primeira. Ainda assim nem tudo são rosas... A voz do illustre conego Boavida, director do Seminario de Sernache, como ferisse um pouco mais rijo a corda patriotica, levantou celeuma brava.

N'um *supplemento* (ah!) que o caso trouxe a lume, leio eu contra aquelle *prescito* da ultima hora:

«Desgraçado, tres vezes desgraçado!»

«Mas que disse o sr. conego!?»

.....

*

Ha politicos que se dão o prazer divertido de monopolisar para si o catholicismo.

Vem o absolutista a vergar sob os infinitos serviços prestados não sei bem a quantas causas e por pouco que não excomungue os liberaes!

Vem o liberal ainda quente da luta e põe fóra da Igreja o republicano: que é travesso, sempre a brincar com as coisas religiosas, um mação, um jacobino indigno de transpôr os umbraes da casa do Senhor.

Pois eu grito e gritarei enquanto tiver voz:

Abaixo esses monopolios religiosos!

A religião é para todos!

*

Tenho notado e muitos commigo, que as discussões jornalisticas, sem excluir os jornaes catholicos, revestem um tom jogralesco e grosseirão que desdiz a valer da causa do mansissimo Jesus. Raro quasi como os corvos brancos, é o contendor que, es-

magando o amor de si e esgrimindo só por amor da verdade, mantem a polemica a tão briosa e tão digna altura, que nem provoca o doesto pessoal nem com essa pequenissima arma retalia.

Debates assim desgarrados para o campo baixo da offensa crúa e da insinuação cavillosa, não edificam, não instruem, não honram, não illustram. Nauseam quem lê, e annullam quem contende.

*

Seis annos e meio! um principio d'aurora!

Uma gazeta ha dias rasgava-se em elogios perante uma creancita d'aquella idade, que fizera exame de instrucção primaria.

Pois eu considero o caso um tanto criminoso e longe de me admirar, magoa-me a precocidade d'esse talentosinho. Quem em idade tão tenra excita o cerebrosinho d'uma creança no sentido das abstracções grammaticaes e synthaticas a par d'uma desfiada longa de factos historicos e chorographicos, noções de moral e combinações arithmeticas, é simplesmente brutal. E' por esses excessos, por esses abusos ineptos a que tanta gente submete cerebros em formação, que vemos não raro a imbecilidade succeder á prespicacia primeira.

*

Li agora um bello volume em que a gente sente o desfilar ora grandioso ora grotesco da civilisação hodierna. E' um hymno singular que ora me causa extasis ora me sacode de calefrios. Tem os silvos estridulos das fabricas, e o negrume da hulha e os lamentos cortantes da miseria devassa. Tem as tilintações metallicas do oiro a montes com judeus á volta, olhos em braza. Tem o dominio, tem a audacia homerica, tem os milagres todos da sciencia, n'uma comulação opulenta, estonteadora; mas tem exercitos enormes de miseros rotos, bebendo *gin* e morrendo de fome em alfurjas lobregas, e tem para cumulo d'imprevisto, a regressão ao baixo spiritismo, ás superstições ridiculas, velhas de seculos, ás incongruencias phantasticas da bruxaria!

Parece uma estrondosa gargalhada mephistophelica desprezada no templo da civilisação em rito de pontifical!

P.º Antonio Hermano.
